

TABULEIRO DE LETRAS

O Portunhol Selvagem: uma revolução na linguagem com imagens resgatadas do inconsciente coletivo

El Portuñol Salvaje: una revolución en el lenguaje con imágenes rescatadas del inconsciente colectivo

Warleson Peres¹

RESUMO: O presente artigo apresenta uma leitura interdisciplinar entre duas áreas das Ciências Humanas: a Literatura e a Psicologia. A primeira é representada pelos Sonetos Selvagens, de Douglas Diegues, elaborados em sua língua poética: o portunhol selvagem, que se configura como uma hibridação linguístico-cultural que ocorre na Tríplice Fronteira. Já a segunda fornece subsídios para uma leitura dialógica, a partir dos desdobramentos dos estudos de Carl Jung, por meio de teóricos, a exemplo de Roberto Gambini, Henrique Pereira, Walter Boechat, entre outros. Pretende-se promover uma discussão acerca de elementos que podem ser relacionados ao inconsciente coletivo e à captação de herança das culturas originais, mas que se tornaram identificações para os habitantes das fronteiras.

Palavras-chave: Inconsciente Coletivo; Identidade; Portunhol Selvagem.

RESUMEN: El presente artículo presenta una lectura interdisciplinar entre dos áreas de las Ciencias Humanas: la Literatura y la Psicología. La primera, es representada por los Sonetos Salvajes de Douglas Diegues, elaborados en su lengua poética: el Portuñol salvaje, que se configura como una hibridación lingüístico-cultural que ocurre en la Triple Frontera. La segunda, proporciona subsidios para una lectura dialógica, a partir de los desdoblamiento de los estudios de Carl Jung, por medio de teóricos, a ejemplo de Roberto Gambini, Henrique Pereira, Walter Boechat, entre otros. Se pretende promover una discusión acerca de elementos que pueden ser relacionados al inconsciente colectivo y la captación de herencia de las culturas originales, pero que se han convertido en identificaciones para los habitantes de las fronteras.

Palabras-clave: Inconsciente Colectivo; Identidad; Portuñol Salvaje.

Introdução

O presente trabalho almeja suscitar reflexões e discussões por meio do diálogo de duas áreas das Ciências Humanas: a Literatura e a Psicologia, pelo viés da linha Junguiana. O

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pela Profa. Dra. Silvína Lílíana Carrizo. E-mail: warleson.peres@gmail.com

recorte literário se dará por meio dos sonetos selvagens elaborados na língua poética de Douglas Diegues – o Portunhol Selvagem. Essa leitura resguarda-se sob a luz de textos que retratam as questões do imaginário e identidade, que permeiam o inconsciente coletivo, haja vista que o portunhol se configura com uma língua híbrida, revelando uma captação de herança das culturas espanhola e brasileira.

O portunhol vem ganhando relevância linguística e literária nos últimos anos, principalmente pelo fenômeno da globalização e fragilização das fronteiras territoriais, uma vez que a rede mundial de computadores nos permite transitar pelo globo apenas com um clique. Entretanto, há muitos anos o portunhol já funciona como linguagem eficaz de comunicação nas fronteiras do Brasil com os países de língua hispânica, bem como nas fronteiras entre Portugal e Espanha. Essa linguagem sempre foi vista de forma estigmatizada, pois não representa a oficialidade dos países colonizadores.

Acerca da questão da globalização na formação identitária, Araujo (2002) resgata:

Junto com a globalização emerge, portanto, uma questão importante: a identidade e o risco de se perdê-la, pois num mundo em mutação acelerada, o fenômeno da globalização atua como “um processo de decomposição e recomposição de identidades individuais e coletivas” (PACE apud ARAUJO, 2002, s/p).

O Brasil é o único país da América do Sul que tem o português como idioma oficial cujo território faz limite com sete países de língua hispânica. Considerando que o homem é um ser social e interage por natureza com seus pares, as fronteiras configuram-se como espaços onde essas línguas se mesclam e se influenciam continuamente, originando uma outra língua – que não representa a oficialidade dos Estados-Nação, mas que se torna uma língua auxiliar nas relações humanas, culturais e sociais.

Conforme Sturza (2005), a fronteira do Brasil com esses países carrega características distintas, como uma maior concentração populacional ao Sul do país e uma menor ao Norte, onde há áreas vazias de presença humana. Contudo, não se pode negar que “as fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social” (STURZA, 2005, p. 47). Esse ir e vir entre os países reforçam que o processo migratório, bem como as transgressões territoriais, logo também linguísticas, sustentam a ideia de fronteira compartilhada (Ibidem, p. 47).

Abrantes (2012), em sua dissertação de Mestrado, intitulada “Portunhol Selvagem: hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético”, apresenta uma profunda pesquisa sobre o portunhol até chegar ao Portunhol Selvagem de Douglas Diegues, trazendo

para a arena de discussão importantes teóricos para subsidiar as análises da obra dieguiana. Ela afirma que “em casos mais específicos, como os das tríplices fronteiras — no Brasil existem nove, sendo que uma das mais relevantes é a formada entre Brasil, Argentina e Paraguai —, povos de outras etnias também constituem a cultura e a língua local” (ABRANTES, 2012, p. 19).

A tríplice-fronteira configura-se como um desses entrelugares no qual a interação de culturas promove material criativo, fruto das relações cotidianas, e esse produto híbrido serve de base, para que o poeta brasiguaiou Douglas Diegues faça sua obra, que é confeccionada a partir de sua língua inventada.

Seu primeiro livro, *Da Gusto Andar Desnudo por Estas Selvas*, foi publicado por uma editora nos moldes convencionais (Travessa dos Editores, de Curitiba), entretanto a publicação do restante de sua obra está vinculada a editoras cartoneras, e o próprio poeta possui seu selo editorial: a Yiyi Jambo.

Entre as suas obras destacam-se: *Uma Flor em la solapa da miséria* (Buenos Aires, Argentina: Eloisa Cartonera, 2005); *Rocio* (Assunção, Paraguai: Jakembo Editores, 2007); *El Astronauta Paraguayo* (Assunção, Paraguai: Yiyi Jambo, 2007); *La Camaleoa* (Assunção, Paraguai: Yiyi Jambo, 2008); *DD erotikito salvaje* (Assunção, Paraguai: Felicita Cartonera, 2009); *Sonetokuera en alemán, portuñol salvaje y guarani* (Luquelandia, Paraguai: Mburukujarami Kartonera, 2009); *Triplefrontera Dreams* (Santa Catarina, Brasil: Katarina Kartonera, 2010), *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe* (Santa Maria, Brasil, Vento Norte Cartonero, 2015). Ressalta-se que todas as publicações estão vinculadas a selos editoriais cartoneros.

Ainda se destacam trabalhos ainda não publicados, ou seja, não impressos ou encadernados como livros, mas com trechos disponíveis na internet, como no *Facebook* e no blog do autor. O poeta também faz uso do Portunhol Selvagem em suas entrevistas e apresentações orais, adotando uma performance que legitima sua obra.

O nascedouro da literatura híbrida hispano-americana e brasileira

Em nossa literatura brasileira encontramos, já a partir do século XIX, a utilização de palavras e expressões hispânicas nas produções textuais de Sousaândrade e, posteriormente, nas obras de Oswald de Andrade, Haroldo de Campos e Guimarães Rosa. A partir do movimento antropofágico essa miscigenação da linguagem começa a ser discutida:

Se para o europeu civilizado o homem americano era selvagem, ou seja, inferior, porque praticava o canibalismo, na visão positiva e inovadora de Andrade, exatamente nossa índole canibal permitira, na esfera da cultura, a assimilação crítica das idéias e modelos europeus. Como antropófagos somos capazes de deglutir as formas importadas para produzir algo genuinamente nacional, sem cair na antiga relação modelo/cópia, que dominou uma parcela da arte do período colonial e a arte brasileira acadêmica do século XIX e XX. "Só interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago", bradou o autor em 1928 (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS)².

Sobre a escrita de Oswald de Andrade, Abrantes (2012), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Portunhol Selvagem: hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético*, apresenta uma profunda pesquisa sobre o portunhol até chegar ao Portunhol Selvagem de Douglas Diegues, trazendo para a arena de discussão importantes teóricos para subsidiar as análises da obra dieguiana. Em sua pesquisa, a autora nos apresenta informações sobre a escrita de Oswald de Andrade:

Mas o caráter revolucionário e polêmico de sua escrita não se restringiu somente ao “Manifesto”; as obras *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933) são exemplos de livros que foram muito criticados em sua época por romperem a linearidade da escrita, ao alternar diferentes estilos, e pela linguagem inventiva e fragmentária de seus personagens (ABRANTES, 2012, pág. 26).

Além de Oswald de Andrade, Abrantes (2012) destaca a obra de Sousândrade, que utiliza a hibridação linguística e recorre ao imaginário folclórico latino, ao escrever o poema *O Guesa* (1858-1888):

Sousândrade escreveu seu poema baseando-se em uma lenda colombiana dos índios muíscas, na qual é retratada a história da criança roubada dos pais para ser sacrificada, aos 15 anos, após realizar uma peregrinação pela “estrada do Suna” — tal criança recebe o nome de guesa, que significa errante, sem lar. Em seu poema, a peregrinação se estende para além da estrada muísca, alcançando o mundo inteiro, pois o herói se universaliza ao adotar as diferentes línguas e ao transitar de um lugar ao outro, numa trajetória que compreende desde a América Latina até o continente africano, defendendo as causas políticas da América do Sul e dos Estados Unidos e abolindo as noções de fronteira, enquanto limite (ABRANTES, 2012, pág. 30).

² Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo74/antropofagia>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Desse modo, é possível estabelecer relações entre o nascedouro dessa literatura híbrida e o nascedouro da alma brasileira, haja vista que o portunhol encontra suas bases em nossa cultura. É esse o recorte que será delineado, ao promover uma leitura intertextual de culturas.

Gambini (2000) discute as origens da alma brasileira, nos apontando que não somos índios ou europeus, mas somos os dois, uma vez que somos descendentes de todos aqueles povos que habitaram nossa colonização. As bases psíquicas desse povo híbrido carregam a “memória do trauma, a memória da dor” (Ibidem, p. 59) uma vez que somos filhos dessa violência praticada: o pai violentador e a mãe violentada. “O pai da América Latina é um homem branco e a mãe uma índia” (Ibidem, 60) e nós, descendentes, “um híbrido, crioulo, bastardo e pária” (Ibidem, 60).

Essa visão violentadora já havia sido apontada pelo próprio Gambini (1998) e demonstra a projeção do europeu sobre o índio, deixando marcas em nossa origem histórica.

E a letalidade dessa projeção maldita consiste na sua aderência e permanência histórica, porque passaram-se quinhentos anos e ela, em grande parte, permanece inalterada. Qualquer homem nativo deste solo latino-americano ainda carrega na alma a projeção negativa que lhe foi lançada cinco séculos atrás e da qual ainda não conseguiu se livrar (GAMBINI, 1998, pág. 49).

Ao investigar o portunhol, que se configura pela junção das línguas portuguesa e espanhola, torna-se interessante pensar as marcas herdadas dessas culturas nessa nova língua, de modo especial no portunhol selvagem. O poeta brasileiro-paraguaio Douglas Diegues emergiu na última década, e desde 2002 nos apresenta uma nova forma de poética e com características múltiplas: o portunhol selvagem – que difere do portunhol fronteiriço, mas é influenciado por sua experiência na fronteira Brasil/Paraguai. Ele utiliza essa nova língua poética nas suas produções textuais e, ainda, nas suas manifestações públicas orais.

Diegues aborda suas relações paternas, no poema “La xe sy”, que significa “minha mãe”, em guarani:

Los abogados, los médicos, los músicos, todos quieren fornicar com mia
mãe.
Nadie tiene las tetas mais bellas que las de la xe sy.
Los gerentes de banco non resistem.
Los músicos, los guarda-noturnos, los karniceros, todos querem fornicar com
ella.

Nadie tiene los ojos mais bellos que los de mia mãe.
 Tengo três años.
 Me enkanta jugar com la lluvia.
 Yo no tengo padre.
 [...]
 Mia mãe es la fêmea mais bella du territorio trilingue.
 Tengo quatro anos.
 [...]
 Non sei quem es mio pai.
 Sinto que non soy igual a los outros. Eles têm pai. Yo non tengo pai.
 Tengo apenas uma mãe e um abuelo. Eles têm pai, mãe, abuelos y abuelas.
 Mas non tengo pai. Y todos los polizias, los juízes, los fiscales, los
 katedráticos de la frontera querem fornicar com mia mãe.
 [...]
 Tengo três anos.
 Y tengo medo del oscuro.
 [...]
 Mio abuelo, com sua pistola 45 em la cintura, impede que los machos se
 aproximem.
 [...]
 Mas minha mãe não é boba.
 Não se entrega fácil.
 O sorriso da minha mãe deixa os homens felizes e cheios de esperança.
 Tenho três anos.
 A beleza hispano-guarani perturba o sexo desses homens.
 E eu não tenho pai.
 [...]
 Mas mia mãe non es boba, non abre lãs piernas así nomás, no se entrega
 fácil.
 Tengo 7 anos. Mas não tenho pai. Só tenho avô. E sou diferente de todos os
 outros. Mas isso não me incomoda. Aprendi a ler. Posso leer los nombres de
 las carnicerías para mi mamá enkuanto todos los machos de la frontera
 querem fornicar com ella.
 (DIEGUES, Triplefrontera dreams, 2012, p. 3-6).

A partir da leitura desse poema, podemos reconhecer elementos autobiográficos, conforme relata Abrantes (2012):

Filho de pai carioca e mãe paraguaia, Diegues nasceu no Rio de Janeiro, mas aos dois anos, após a separação dos pais, foi com a mãe para a casa do avô espanhol, que viera ao Brasil fugindo da Guerra Civil Espanhola e vivia em Ponta Porã, divisa entre Brasil e Paraguai, onde havia se estabelecido como comerciante (ABRANTES, 2012, p. 42).

Na formação do imaginário do sujeito poético ecoam as situações vividas pelo indivíduo e ele reforça a ausência do pai, pois a expressão “Yo no tengo pai/Eu não tenho pai” é repetida várias vezes. A mãe torna-se a musa daqueles homens que povoam a fronteira e o imaginário do poeta. Esse imaginário individual encontra-se com o imaginário coletivo

ancestral, a partir das situações repetidas no decorrer dos séculos. É uma ausência sentida: “Sinto que non soy igual a los outros”.

Gambini (2000) retoma a situação vivida quando da colonização: “Nesse casal arquetípico, o pai é patogênico e abandonador; a mãe negada e silenciada” (Ibidem, p. 60). Assim, a mãe do sujeito lírico configura-se como objeto de desejo e não aquela que deseja, e ainda é protegida pela pistola 45 do avô. Cabe ressaltar que o desejo é sexual, assim como os colonizadores desejavam as índias, e o sujeito lírico reforça essa imagem: “A beleza hispano-guarani perturba o sexo desses homens”.

Importante ainda ressaltar o resgate que o poeta faz de sua memória individual, retomando, desde os dois anos, a construção “divinal” que faz de sua mãe, como a mais bela, a mais desejada. Ele revisita seu passado e enuncia que essa fusão “hispano-guarani” foi capaz de produzir uma mulher linda. Assim podemos relacionar a constituição dessa beleza que também ocorre na hibridação utilizada para constituir sua poética.

As experiências individuais vivenciadas por inúmeras gerações vão formando o imaginário coletivo na psique do homem brasileiro, segundo afirma Ramos (1957, p. 329 apud Araujo, 2002, s/p): “uma sobrevivência de estruturas primitivas que antecedem o indivíduo e lhe sucedem, tornando-se patrimônio comum e retomando imagens simbólicas que são reproduzidas na sociedade”.

Os Sonetos Selvagens

No ano de 2002, Douglas Diegues lança seu primeiro livro de poemas em Portunhol Selvagem, como ele mesmo aponta: “Dá gusto andar desnudo por estas selvas, que es a la vez el primeiro libro de poesia em portunhol, um libro magro, raquitiko, com másooménos 40 sonetos selvagens shakespeareanensis...” (DIEGUES *in* TEIXEIRA, 2011, s/p).

Na sequência serão apresentadas propostas de leitura para alguns desses sonetos, sob a perspectiva da psicologia junguiana.

Pereira (2010), acerca da psique, afirma:

A parte exterior da psique corresponde à consciência subjetiva, o ego (eu). Abaixo dela encontramos o inconsciente pessoal, que é constituído sobretudo de complexos. A região mais profunda da psique, finalmente, é o território do inconsciente coletivo e seus conteúdos, os arquétipos. Estes podem ser descritos como predisposições psicossomáticas inatas resultantes

do processo evolutivo da espécie humana. Os arquétipos são dinamismos atuantes sobre a consciência subjetiva (PEREIRA, 2010, p. 3).

A sexualidade é abordada no soneto 4, no qual o instinto animal é estendido ao ser humano e de forma incisiva é considerado “milenarmente tarado”.

Soneto 4

el ser-humano racional es un bicho muy complicado
le gusta enrabar o ser enrabado
milenariamente tarado
segun Dostoiévski no descubriu que es bueno por eso sigue tan malvado

el negócio es fazer lo que se pode
se dexan bocê toma conta
por eso bocê molesta esa gente tonta
que diz que melhor que todos fode

o pueblo está hambriento y marginalizado
cada um entende la coisa de um jeito
hasta que se prove lo contrário todos son sospeitos
mañana puede ser você el novo asesinado

el ser-humano racional es un bicho muito loco
un dia vá a aprender a amar sin exigir recebimento del troco
(DIEGUES, 2003, p. 11).

Podemos interpretar, ainda, a violência cometida de homens contra homens, quanto aos assassinatos e à má distribuição de renda, pois o povo encontra-se “faminto e marginalizado”. Assim, desconstrói-se também a figura do “ser humano racional”, que é associado à loucura, de modo que o sujeito lírico se apoia na esperança de que um dia o ser humano aprenda a amar sem exigir nada em troca.

Ao criar uma nova língua poética e fazer uso dela, Douglas Diegues distancia-se do conceito de nação, pois o “o portunhol não determina o pertencimento a qualquer país, mas ao contrário evidencia o atravessamento entre pelo menos dois países de línguas distintas” (ABRANTES, 2012, p. 21). O Portunhol Selvagem configura-se como uma estratégia, para que o poeta possa se manter na modernidade, recriando outras formas de se encontrar no mundo, ao mesmo tempo em que resgata a sua identidade, a qual vem sendo, a cada dia, atravessada por inúmeras culturas. Boechat (2000) já havia sinalizado: “Enquanto a nacionalidade tem suas fronteiras em mutação, os indivíduos também perdem o referencial

pessoal, e caímos em graves problemas sociais, resultantes de psicose de massa e perda de identidade” (BOECHAT, 2000, p. 165).

Vale a ressalva de que Boechat refere-se à identidade nacional, não invalidando que o poeta busque o encontro de uma identidade fronteiriça, ou uma identidade com a hibridação de culturas que formam o seu consciente e inconsciente. “O portunhol selvagem guarda tanta relação afetiva para o poeta quanto o próprio território que a caracteriza: a fronteira”. (ABRANTES, 2012, p. 43).

O próximo poema revela a relação do poeta com sua arte. Em entrevista, Douglas revela que não se reconhecia escrevendo em português (língua oficial) e acrescenta: “Um dia, comecei a escribir textos em portunhol, contos, cartas, poemas, sonetos, en portunhol. Um dia me deu um estalu. E comecei a transformar uns versos que tinha em sonetos em portunhol. Gostei du resultado. Nunca había escrito coisas melhores” (DIEGUES *in* FREIRE, 2005, s/p apud ABRANTES, 2012, p. 44).

Para o poeta, expressar-se em portunhol é promover uma revolução, ousando com as palavras para fazer uma boa literatura. A padronização da raça colonizadora, com características das nações europeias, se perde na miscigenação da América Latina, pois a genética é como um “cassino da ciência” e essa “loteria” fomenta mutações e somos “cobaias sem importância” da natureza.

Soneto 7

el sol predomina você va a descobrir que es mejor bibir sin reclamar
faz la revolução com mucho esperma y alegría
inbenta novas rimas
e esqueça lo que houver para olvidar

donde mora lo perigo y la locura
no basta llegar allá - entre los primeros
cuidado com los golpes rasteros
lo resto es buena & mala literatura

considera la posibilidad de vitória de virada
derrota la crisis de la osadia
você es fuente de dolor y de alegría
mas no subestime las fuerzas que surgen aparentemente de la nada

en la loteria genética (cassino de la ciência) importada de Francia
bocê é mais una cobaia sin importância
(DIEGUES, 2003, p. 14).

O transitar pela fronteira é uma estratégia de fugir dos modelos eurocêntricos e fazer uma nova poética, a partir de outras culturas. O portunhol nasce também das relações entre pessoas exiladas em determinados países, desconstruindo não somente a teoria nacionalista, mas também a descendência europeia e com isso traz para o centro uma língua e uma cultura renegadas pela cultura dominante.

E um caminho promissor em direção ao reconhecimento da determinação cultural no campo psicológico passa pelo desenvolvimento do conceito de "inconsciente cultural". Essa noção consegue descortinar a dimensão *in-between*, localizada entre o consciente e o inconsciente, o interior e o exterior, a mente e o corpo, o indivíduo e a cultura, e permite assim manter simultaneamente focalizadas as dimensões das quais os fenômenos participam, **transitando nos espaços liminares, nas fronteiras** (ARAUJO, 2002, s/p) (grifo meu).

A crítica povoa a mente dos artistas, e o Soneto 19 retrata essa relação, uma vez que o poeta em seus versos revela que os críticos “comodamente copiam” e reproduzem visões passadas que valorizam a tradição “com discursos vazios e pomposos”, representada por “ilustres mortos”.

Soneto 19

elles gostam de cultuar ilustres muertos
con discursos huecos y pomposos
bocê rie tuerto -
constrangido con tanto engodo

bocê no bajula los mortos
ni acredita en la morte
enquanto sus olhos su sexo e sus lábios estan bem bivos en el
[desconforto
elles fingem que bocê es gado de corte

elles preferem ser assim
se bocê fuese famoso tambien te bajulariam
em vez de crear - comodamente copiam
la imbecilidade parece no ter mais fim

um dia el mundo será una nueva mente
tudo será igual mas diferente
(DIEGUES, 2003, pág. 26)

Wilber (2001) apresenta uma trajetória histórica das teorias críticas, apontando como elas foram mudando o foco de análise com o tempo e, de modo irônico, também mostra como

elas influenciam a forma de olhar o objeto. De certo modo, vai ao encontro das palavras do poeta, pois a crítica limita a arte, promovendo essa crueldade.

A proposta de Wilber (2001) é justamente integrar as teorias e realizar leituras contextualizadas e assim também é possível perceber que com as mesmas teorias “haverá uma nova mente e tudo será igual mais diferente (Soneto 19)”.

Já no Soneto 9, Diegues aconselha a não dar ouvidos aos “críticos boçais” e a acreditar nos “sonhos em condições reais”. É a referência à cultura do brasileiro em “ter fé na vida”. Vida que acontece no “milagre da reprodução dos peixes”, da “arte de respirar” e “caminhar com as próprias pernas”. Esse chamado ao enfrentamento e à alegria é uma ode à personalidade daqueles que sabem absorver as melhores características de cada povo e construir um novo arquétipo que revele essa identidade híbrida e miscigenada, um novo Herói. “O herói representa a imagem que espelha o ideal de ego, algo a ser alcançado, o exemplo que as gerações em busca de uma identidade própria. Domina o imaginário do inconsciente cultural americano a figura do herói”. (BOECHAT, 2000, p. 166).

Soneto 9

sueños em condiciones reais
 el milagro de la reproducción de los peixes es visible
 você precisa aprender a tener fé en lo imposible
 e a no dar importância a lo que dizem los críticos mais boçais

saiba como utilizar crises internas
 el arte de respirar
 nada como la alegría para dificultades & banalidades enfrentar
 legal caminar com las próprias piernas

de nada sirve el desespero
 enfrenta la vida real
 no acredite ciegamente en la escena com fondo musical
 puede ser una cuestión de falso verdadero

esquece los falsos amores
 todo esto faz parte del gran circo de los horrores
 (DIEGUES, 2003, p. 16).

Considerações Finais

Douglas Diegues escreve de forma vibrante e traz para sua poesia elementos que vão construindo o imaginário de sua língua poética, criando ressignificação para que a fronteira

possa chegar ao centro, revelando uma “consciência de nossa identidade continental, de nossas diferenças, de nossos processos históricos e psíquicos conscientes e inconscientes” (GAMBINI, 2000, p. 55).

Esse fenômeno que Douglas Diegues vem construindo resgata nosso passado, ressignifica nosso presente e projeta para o futuro, como estratégias para consolidarmos nossa identidade coletiva. “Na medida em que uma cultura não se alimenta de suas imagens, perde contato com seu passado e, portanto, torna-se incapaz de criar seu próprio futuro” (BOECHAT, 2000, p. 171).

Essa hibridação relativiza a ideia de nação e abre espaços para que o Portunhol Selvagem se configure cada vez mais como uma língua poética original e, desse modo, transite pela modernidade, se deslocando da margem para os centros culturais.

A linguagem poética de Douglas Diegues, ao ganhar visibilidade, retoma a captação de “herança” das culturas: brasileira, hispano e indígena, demonstrando que o inconsciente coletivo não está dentro apenas de um território de demarcações rígidas, mas livre para dialogar, e assim ganhar significação no campo literário contemporâneo.

Referências

ABRANTES, Fernanda Arruda. **Portunhol Selvagem:** hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

ARAUJO, Fernando César de. **Da cultura ao inconsciente cultural:** psicologia e diversidade étnica no Brasil Contemporâneo, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400004>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BOECHAT, Walter. Identidade e Identificação. Um paradoxo e um desafio para a América Latina. In: **A Identidade Latino-Americana.** Anais do II Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Rio de Janeiro, 2000.

DIEGUES, Douglas. **Dá gosto andar desnudo por estas selvas.** Curitiba: Travessa dos Editores, 2003.

_____. **Triplefrontera Dreams.** Eloísa Cartonera: Buenos Aires, 2012.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo74/antropofagia>>. Acesso em: 20 jul. 2015

FREIRE, Marcelino. De olho neles — Douglas Diegues. In: **Portal Literal,** Rio de Janeiro, 27 ago. 2008 (publicado originalmente em 10/06/05). Disponível em:

<<http://portalliterat.terra.com.br/artigos/de-olho-neles-douglas-diegues>>. Acesso em: 09 mar. 2010.

GAMBINI, Roberto. O nascedouro da alma brasileira. In: **A Identidade Latino-Americana**. Anais do II Congresso de Psicologia Junguiana. Rio de Janeiro, 2000.

GAMBINI, Roberto. Os grandes temas arquetípicos na história da América Latina. In: **A Identidade Latino-Americana**. Anais do I Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Punta del Este, Uruguay, 1998.

PEREIRA, Henrique. (Do arquétipo nacional ao complexo cultural: Contribuições junguianas para uma psicologia da cultura). Considerações sobre a teoria dos complexos culturais. In: Nascif, Rose Mary Abrão; Lage, Verônica Lucy Coutinho. **Literatura, crítica, cultura IV: interdisciplinaridade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

STURZA, Eliana Rosa. As línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. In: **Revista Ciência e Cultura**. v. 57, nº 2. São Paulo, abr/jun, 2005, p. 47-50. Disponível em: <<http://www.brasilclub.com.uy/images/a21v57n2.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

WILBER, Ken. Teoria Artística e Literária Integral Parte I e II. In: **O olho do espírito**. São Paulo: Cultrix, 2001.

Recebido em: 13 de novembro de 2017.

Aceito em: 12 de fevereiro de 2018.